



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ANA CAROLINE SANTOS DE MELO

Totalitarismo e Distopia em “1984” de George Orwell

**GUARABIRA – PB
2014**

ANA CAROLINE SANTOS DE MELO

Totalitarismo e Distopia em “1984” de George Orwell

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa.

Orientador (a): Ms. Carlos Adriano Ferreira de Lima

GUARABIRA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M517t Melo, Ana Caroline Santos de
Totalitarismo e distopia em "1984" de George Orwell
[manuscrito] : / Ana Caroline Santos de Melo. - 2014.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Carlos Adriano Ferreira de Lima, Departamento de
Letras".

1. Totalitarismo. 2. Distopia. 3. George Orwell. I. Título.
21. ed. CDD 320

ANA CAROLINE SANTOS DE MELO

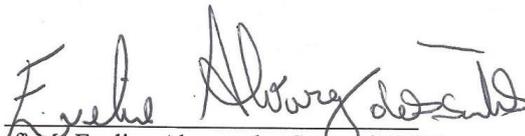
Totalitarismo e Distopia em “1984” de George Orwell

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Inglesa.

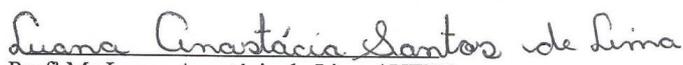
Aprovada em 07/03/2014



Prof^ª Ms Carlos Adriano Ferreira de Lima / UEPB
Orientador



Prof^ª Ms Eveline Alvarez dos Santos / UEPB
Examinadora



Prof^ª Ms Luana Anastácia de Lima / UEPB
Examinadora

*“Guerra é Paz
Liberdade é Escravidão
Ignorância é Força”
(George Orwell)*

Totalitarismo e Distopia em “1984” de George Orwell

Melo, Ana Caroline Santos de¹

RESUMO

Após diversas análises acerca da representação do gênero distópico em obras literárias, o presente trabalho se utiliza da obra 1984 de George Orwell como objeto de estudo, a fim de discutir o impacto dos regimes totalitários no processo de formação da sociedade e sua iminente influência na representação literária distópica. A caracterização do personagem, promovida por George Orwell, demonstra seus anseios mediante os regimes totalitários, que se propunham em estabelecer uma sociedade igualitária às sombras da opressão. A representação deteriorada do ambiente e dos personagens, descritos na obra delineiam uma posição devastadora dos princípios da individualidade humana. Em um primeiro momento, trataremos de explicar acerca dos regimes totalitários e suas características mais recorrentes e logo após discorreremos sobre a influência desses sistemas ditatoriais no enredo da obra. Nessa perspectiva, temos como fonte de pesquisa, o apoio dos trabalhos de Hannah Arendt (2000), Evanir Pavloski (2005), Figueiredo (2008), Pereira e Espada (1984) entre outros, que contribuíram na construção do entendimento de como os mecanismos de controle influenciaram a sociedade, no intuito de suprimir todos os tipos de autonomia psicológica do homem, reduzindo-os a meras marionetes do estado totalitário.

PALAVRAS-CHAVE: Totalitarismo. Distopia. Orwell.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa da Universidade Estadual da Paraíba – e-mail: carolinemelo_20@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Com os avanços tecnológicos e a recorrente busca da sociedade em, alcançar o ápice da ruptura dos padrões sociais e culturais vigentes, inerentes ao período do Pós-Guerra, o século XX passa por profundas transformações que influenciaram diretamente na constituição e manutenção estatais, promovendo o surgimento de uma nova forma de governo: O totalitarismo.

Na obra escrita por George Orwell intitulada 1984, a qual é o nosso objeto de estudo, é incorporado valores decorrentes desse período, os quais o autor fez questão de projetar o suposto futuro da sociedade adepta a tal sistema ditatorial.

No decorrer da análise será perceptível que o autor expôs uma visão crítica acerca dos regimes totalitários, pondo em cheque o idealismo utópico promovido pelo estado que se mantinha como sistema unificador da sociedade.

Sob a ótica da população controlada pelo sistema, George Orwell estabelece uma ponte entre o fictício e o real caracterizando sua obra como um romance distópico em que demonstra afundo as atrocidades e alienações decorrentes dos sistemas de controle social inseridas nas sociedades contemporâneas. Nessa perspectiva de expor uma crítica acerca dos sistemas de controle opressor caracterizados na obra de Orwell Silva (2003) afirma que:

George Orwell simboliza os dilemas vivenciados pelo intelectual que se engaja nas lutas sociais adotando uma perspectiva ideológica de esquerda: silenciar ou correr o risco de ser utilizado enquanto arma teórica contra as ideias igualitárias de esquerda. (p. 02)

Os governos totalitários representavam para Orwell uma ameaça em larga escala que expunha a sociedade em um grande risco de deterioração, visto que indicavam a alienação da população no que se refere aos preceitos discutidos pelo estado e, suas impressões foram de base fundamental, na confecção dos elementos distópicos do enredo, demonstrando afundo o processo evolutivo distópico de uma sociedade em decadência, onde o controle se caracterizava como um processo contínuo de reeducação social ou “remoldagem” como afirma Arendt (2000):

O modo de lidar com os oponentes era a “retificação do pensamento” um complicado processo de constante moldagem e remoldagem dos espíritos, ao qual aparentemente quase toda a população estava sujeita. Nunca soubemos

muito bem como isso funcionava na vida de cada dia e quem era isento – isto é, que procedia à “remoldagem” dos outros -, e não tínhamos a menor ideia dos resultados da “lavagem cerebral”, se era duradoura e se realmente produzia mudanças de personalidade. (p. 341)

Este tipo de literatura sob influência totalitária assume assim um ponto da crítica social que indica as desigualdades inerentes à determinada época e que, “definem o gênero distópico, tanto pelo engajamento em assuntos políticos e sociais do mundo real quanto pelas críticas às sociedades que eles focalizam.” (BOOKER, 1994, apud QUEIROGA; LIEBIG, 2008, p.315)

A estrutura de controle social exposta na obra 1984 indica os constantes meios de manipulação e desenvolve a leitura através do personagem Winston que, paulatinamente descreve a progressão da própria consciência em que, aos poucos compreende a estrutura mistificada pela organização, indo de contra os preceitos divulgados pelo estado e demonstrando uma assídua busca pela caracterização da individualidade perdida em “benefício de todos”.

O eixo da narrativa é centrado em torno da não adequação de Winston em relação aos preceitos ditatoriais vigentes, desencadeando uma série de reflexões inerentes à perseguição e condenação do personagem demonstrando a relação opressora dos dispositivos totalitários e enaltecendo ainda mais a crítica ao universo totalitário distópico, conscientizando o leitor não simplesmente acerca do lado obscuro dessa organização social (os regimes) mais nas relações estabelecidas empiricamente, pelo confronto com a realidade experimental (futurista) e o universo ficcional.

Este trabalho então se predispõe em compreender a inserção do gênero distópico na obra de George Orwell, além da noção de regimes totalitários, pondo em discussão as formas de condicionamento da sociedade, por meio da exploração das massas operárias e sua incessante busca pela unificação da organização estatal, buscando em um primeiro momento contextualizar o conceito e características recorrentes aos sistemas ditatoriais totalitários, demonstrando assim as formas de manipulação política social e logo após identificar na obra estudada, a influência desses sistemas, visualizando até mesmo as impressões deixadas pelo autor, acerca dos movimentos totalitários.

1. REGIME TOTALITÁRIO DO SÉCULO XX

Quando falamos em regimes totalitários no século XX, compreendemos que por se tratar de um sistema autoritário e conservador, estas doutrinas são vistas como formas iminentes de controle social, as quais abrangem todas as classes econômicas da sociedade. O conceito de totalitarismo veio se formando de acordo com o decurso histórico, “Entretanto a expressão começava a ser usada para designar todas as ditaduras monopartidárias, abrangendo tanto as fascistas quanto as comunistas.” (BOBBIO, 1998, p.1247).

O governo totalitário é basicamente sistematizado em um instrumento de veiculação política que viabiliza uma manipulação partidária, a fim de demonstrar à sociedade o mundo “ideal”, recriando um lugar em que não há dissonante, um local em que prevalece o fictício, o sistema organizacional perfeito, o que podemos denominar de utopia social. Como se pode constar em Espada; Pereira (1984):

A Utopia, [...] anuncia uma harmonia perfeita para amanhã. Supõe a sublimação dos defeitos humanos, a superação dos conflitos, a paz suprema. Todas as utopias, por mais bondosas e sublimes que sejam, provavelmente quanto mais bondosas e sublimes, prevêm uma repressão da maioria sobre o desviante – e este não terá direito a ser diferente por que a diferença, num estado de graça e harmonia, é necessariamente absurda, egoísta, imoral. A Utopia contém em si o germe da lógica totalitária. (p.73)

Por mais que esse tipo de sistematização organizacional se portasse como um sistema opressor, a população era conduzida a acreditar e aceitar as imposições que lhes eram incumbidas e sob pena de morte àqueles que fossem contra as leis impostas.

Uma característica iminente deste regime é o poder de controle por intermédio dos equipamentos de propaganda política e de opressão. A figura representada pelos dirigentes é tida como uma autoridade suprema que, na exposição de seus pensamentos inclui simbologias, que compreendem desde signos até rituais que são perpassados para a população como forma de engrandecer ainda mais o símbolo político, porque a “Sua imagem é também disseminada por meio de forte propaganda quando da utilização de meios de comunicação para a educação das massas” (CARNEIRO e CORRÊA, 2008, p.153).

Por meio desse forte incentivo à disseminação de ideias, acerca do novo rumo de governo e de como se utilizavam de artifícios políticos para a mobilização de todas as

classes, a ideologia dos regimes totalitários delineou sua trajetória não de um simples planejamento de controle ou organização social, em benefício de todos, mais sim um planejamento que visava também à captação da própria natureza humana, da liberdade de ir e vir, do pensar e do agir, para que assim pudessem conduzir a sociedade da forma que achasse conveniente. Como podemos constatar em Arendt (2000, p.509):

O que as ideologias totalitárias visam, portanto, não é a transformação do mundo exterior ou a transmutação revolucionária da sociedade, mas a transformação da própria natureza humana. Os campos de concentração constituem os laboratórios onde mudanças na natureza humana são testadas, e, portanto, a infâmia não atinge apenas os presos e aqueles que os administram segundo critérios estritamente “científicos”, atinge a todos os homens.

As formas de manipulação utilizadas com meios devassos de tortura faziam com que a população se adequasse tanto fisicamente quanto mentalmente às ordens pré - estabelecidas de tal forma que o “eu” era reduzido a um corpo vazio, que internalizava tudo o que era conveniente ao estado, sem ter a capacidade de agir e pensar por conta própria, como reafirma Arendt (2000, p. 507):

O totalitarismo não procura o domínio despótico dos homens, mas sim um sistema em que os homens sejam supérfluos. O poder total só pode ser conseguido e conservado num mundo de reflexos condicionados, de marionetes sem o mais leve traço de espontaneidade. Exatamente porque os recursos do homem são tão grandes, só se pode dominá-lo inteiramente quando ele se torna um exemplar da espécie animal humana.

É nessa perspectiva de dominação e reeducação do novo indivíduo que Arendt reafirma o empenho dos regimes totalitários em transformarem a sociedade no conjunto sistematizado que reza por uma unificação das massas em prol da estabilidade social.

Com a iminente crise do sistema capitalista avassalando todos os continentes após o período de pós-guerra decorrente das 1ª e 2ª Guerras Mundiais, a sociedade do século XX sentiu na pele a vastidão de dificuldades que fluíam desse processo. Alguns países, mais afetados que outros, buscaram forças para se erguer, a partir da explosão dos movimentos populares em prol da readequação econômica e social que foram destruídos e que passaram a ser prioridades a serem solucionadas nos continentes devastados.

Com grande preocupação, as mais altas classes sociais se unificaram com o propósito de estabelecerem um regime que pusesse em ordem o sistema político que se havia dissipado, como podemos constar em Silva (2005, p.263): “[...] as elites

econômicas desses países deram apoio à formação de governos autoritários que pudessem recompor a ordem social, mediante um controle rígido de sua estrutura.”

Os regimes totalitários que mais se destacaram no transcorrer do século segundo Silva (2005, p.265) foram: “[...] o nazismo, na Alemanha de Hitler, o fascismo, na Itália de Mussolini, a ditadura de Franco, na Espanha, a ditadura de Salazar, em Portugal, e o Estado novo, de Getúlio Vargas.” Esses sistemas se utilizavam geralmente de um Estado que possuía plenos poderes de decisão, controle de todos os meios de comunicação, e disponibilidade de agir contra os que não estivessem de acordo com os parâmetros (leis) por eles estabelecidos, os quais já foram afirmados anteriormente.

A característica de manipulação de massas também abrangia algumas formas de governo totalitário não declarado, mais que por possuir algumas características parecidas com as totalitárias, estas (comunismo, socialismo) passaram a enquadrar-se no rol dos regimes totalitários, como podemos observar em Arendt (2000):

Obviamente, o fim da guerra em 1945 não trouxe o fim do governo totalitário na Rússia. Pelo contrário, foi seguido pela bolchevização da Europa oriental, ou seja, pela expansão do regime totalitário, e a paz nada mais era que uma oportunidade de analisar as semelhanças e diferenças nos métodos e instituições dos dois regimes totalitários. Decisivo nesse sentido não foi o fim da guerra, mas a morte de Stálin, oito anos depois. (p.339)

As semelhanças atreladas aos regimes só reafirmam o compromisso de persuasão e organização de massas, com o foco principal na organização da sociedade igualitária e evitando as generalizações que pudessem prejudicar o processo de transformação social. O totalitarismo empreendeu de forma clara e objetiva uma ameaça mundial constante, em que os cidadãos vivem em uma permanente opressão, se utilizam do medo destes, para a propagação de intimidações, até porque, segundo os preceitos do estado a ameaça poderia ser, “no caso do totalitarismo stalinista, a conspiração capitalista para derrotar a revolução socialista; no caso do totalitarismo nazista, a conspiração judaica, para dominar o mundo”. (ARENDR, 2000, p.410)

Pereira e Espada (1984) ainda reiteram que:

[...] é no esquerdismo e no seu carácter excessivo que melhor transparece a ligação entre ideologia totalitária e o terror e, ao iluminar, tantas vezes de forma brutal, essa relação, os grupos terroristas, de raiz esquerdista, revelam à sociedade os perigos de fazer derivar a política de ideologias de sistema.(p.35)

O terror implantado na sociedade assume o papel de carro chefe da ordem social e as leis são regidas simplesmente de acordo com o movimento humano, com a natureza. Nos regimes totalitários, não existem leis que indiquem o certo ou errado, mais sim, subjugações a serem seguidas de acordo com o decurso da história, as quais deveriam eliminar tudo o que era nocivo à natureza do estado e que segundo Arendt (2000):

Nessas ideologias, o próprio termo “lei” mudou de sentido: deixa de expressar a estrutura de estabilidade dentro da qual podem ocorrer os atos e os movimentos humanos, para ser a expressão do próprio movimento. A política Totalitária, que passou a adotar a receita das ideologias, desmascarou a verdadeira natureza desses movimentos, na medida em que demonstrou claramente que o processo não podia ter fim. Se é lei da natureza eliminar tudo o que é nocivo e indigno de viver, se é lei da história que, numa luta de classes, certas classes “fenecem”, a própria história humana chegaria ao fim se não formassem novas classes que, por sua vez, pudessem “fenecer” nas mãos dos governantes totalitários. (p.575)

Desta forma podemos constatar que a complexibilidade organizacional dos regimes totalitários não se prioriza na simples opressão, mais também na auto-manutenção dessa opressão, visando o controle da população. Daí se expõe o processo distópico social, que apresenta a realidade de maneira distorcida e pessimista, fazendo com que o gênero utópico disseminado pelos partidos totalitários, caiam por terra até porque

[...] Essa transição da ficção utópica para a distópica é uma consequência da mudança no nível da percepção dos indivíduos, ou seja, a forma de apreender as dificuldades nos sistemas sociais e políticos se modificou. O desencanto e o pessimismo se cristalizam, agora, na ficção literária de cunho mais realista e psicológico. Sendo assim, o que era utopia-sonho recebeu uma roupagem negativa, sendo denominada agora como distopia. (QUEIROGA; LIEBIG, 2008, p. 313)

Então, o que era disseminado pelos regimes como processo de adequação e manutenção social em benefício de todos, acaba assumir esse outro papel de caracterização pessimista, levando os efeitos sociais realistas à tona, no intuito de criticar diretamente as inconstâncias promovidas pelos sistemas de poder, descaracterizando assim, os sonhos utópicos propagados pelo estado.

2. O DISTÓPICO 1984 DE GEORGE ORWELL

A obra 1984 de George Orwell, pseudônimo de Arthur Blair (nascido em 1903), possui características bem peculiares no que se refere a sua mentalidade contemporânea e a influência de suas críticas sob o sistema totalitário. As impressões incumbidas por George Orwell, durante o século XX em meio às devastações ocasionadas a partir das 1ª e 2ª Guerras Mundiais, formularam um censo crítico acerca dos sistemas políticos vigentes na época e das represálias sofridas, como forma de denunciar as atrocidades que poderiam acontecer se o estado conseguisse se manter por mais tempo no poder.

Em sua representação da sociedade distópica, Orwell potencializa os mecanismos totalitaristas, contrapondo-os à realidade do pós-guerra e oferecendo um alerta contra a disseminação dos princípios stalinistas e nazistas. Assim sendo, *1984* não constitui um refúgio para aqueles que se mostram desgostosos com o mundo real, mas uma representação aterrorizante de um futuro possível fundamentado sobre aspectos concretos do panorama sóciopolítico do final da década de 40. (PAVLOSKI, p.45-46)

A conscientização de que a sociedade estava passando por profundas transformações e pelas constantes intercessões dos regimes totalitários, Orwell se incumbiu de expor todos os seus receios pelo futuro da sociedade em sua obra, se opondo aos meios de opressão social. Então segundo Renaux, “A negatividade observada nos autores de distopias do século XX é mais uma questão de visão de mundo do que um artifício polêmico ou literário.” (RENAUX, 2001, apud QUEIROGA; LIEBIG, 2008, p.315)

O autor estabelece uma distopia literária, que desmitifica por inteiro a estrutura da sociedade coletiva, e insere uma linha de reflexões acerca da influência dos regimes de controle social, discriminando qualquer tipo de manipulação que estimule qualquer tipo de submissão.

Grande parte das sociedades utópicas apresenta como característica um rígido controle das ações individuais, como forma de manutenção da estabilidade alcançada. Para esses autores, o modelo utópico se baseia em grande medida na uniformidade política e ideológica de seus cidadãos. Não basta desejar o paraíso social, os indivíduos devem oferecer sacrifícios pessoais para que a ordem seja preservada. (PAVLOSKI, p.49)

É nessa perspectiva de controle uniformizado da individualidade social que a distopia é delineada com o intuito direto de criticar as imposições totalitárias, que supriam todo e qualquer traço de espontaneidade a fim de alcançar a tão pregada socieda-

de estável mesmo que, para alcançar esse objetivo significasse alguns sacrifícios em prol da organização.

2.1 A DISTOPIA NA OBRA 1984: O EXTREMO CONTROLE SOCIAL

2.1.1 O Enredo

O livro 1984 foi escrito em meados de 1949, por George Orwell e conta a história de Winston, (protagonista) um membro do partido externo que trabalhava no ministério da verdade manipulando diretamente as informações que eram mais coniventes ao partido. Todas as provas que expusessem alguma contradição às leis do Ingsoc² eram incineradas para que a população acreditasse nas “verdades absolutas” e por isso é observável essa característica de manipulação das informações ministradas pelo estado, dissipando até mesmo instintivamente o passado em detrimento do “presente” conveniente ao partido.

Nas paredes do cubículo havia três orifícios. À direita do falascreve, um pequeno tudo pneumático para mensagens escritas; à esquerda, outro maior, para jornais; e no meio, bem ao alcance do braço de Winston, uma grande abertura retangular protegida por uma grade de arame. [...] Por um motivo qualquer, haviam sido apelidados de buracos da memória. Quando se sabia que algum documento devia ser destruído, ou mesmo quando se via um pedaço de papel usado largado no chão, era gesto instintivo, automático, levantar a tampa do mais próximo buraco da memória e jogar o papel dentro dele [...]. (ORWELL, 1991, p.29-30)

Winston possuía certo grau de inconformidade ao aperceber-se que manipulava dessas informações em prol dos interesses do Ingsoc, e passou a questionar-se acerca da opressão do partido em relação à população e se utilizando de um bloco de anotações e um lápis, comprados em um antiquário na região dos proles³, para expressar suas dúvidas e anseios acerca do partido e da sociedade, visto que, essa era a única forma de demonstrar sua insatisfação para com a realidade, já que não podia conversar com mais ninguém, por correr o risco de ser denunciado.

² O Ingsoc é uma sigla do partido socialista inglês que controlava a sociedade distópica de Orwell através de mecanismos de opressão e (re) adequação social.

³ Os proles descritos na obra eram todos os cidadãos que viviam a margem da pobreza e que não tinham participação ativa alguma na constituição da sociedade.

De nada tinha consciência exceto da brancura do papel à sua frente [...]. De repente, pôs-se a escrever por puro pânico, mal percebendo o que estava registrando. A letra miúda e infantil traçou linhas tortas pelo papel, abandonando primeiro as maiúsculas e depois até os pontos: 4 de Abril de 1984. Ontem à noite ao cinema. Tudo fitas de guerra. Uma muito boa dum navio cheio de refugiados bombardeado no Mediterrâneo. [...]. (ORWELL, 1991, p.7-8)

Neste ponto fica perceptível a necessidade de Winston em expressar-se mesmo que brevemente acerca de assuntos cotidianos, recorrendo a registros memoriais, que não seriam simplesmente incinerados como os artigos manipulados no departamento de registros do Ministério da Verdade.

Em todos os lugares da antiga Londres, (local onde se passa todo o enredo do livro) eram localizadas as Teletelas, televisores “particulares” que monitoravam todos os passos dos indivíduos participantes do rol partidário do Ingsoc. Por toda cidade estavam espalhados essa teletelas e cartazes que, traziam consigo a seguinte frase: “O grande irmão zela por ti” (ORWELL, 1991, p.5).

Diante de inúmeras tentativas de lembrar-se do passado, Winston recorreu aos proles, cidadãos que viviam à margem do mundo partidário, para que pudesse compreender o que se passava, porém sua tentativa foi inútil pelo fato de que eles eram devidamente controlados pelo Ingsoc, para que, mesmo sendo maioria, não viessem a se rebelar contra o estado.

[...] O partido ensinara que os proles eram naturalmente inferiores, que deviam ficar em sujeição, como animais, pela aplicação de algumas regras simples. [...] Não era desejável que os proles tivessem sentimentos políticos definidos. Tudo o que se lhes exigia era uma espécie de patriotismo primitivo ao qual se podia apelar sempre que fosse necessário levá-los a aceitar rações menores ou maior expediente de trabalho. (ORWELL, 1991, p.53)

Conheceu Júlia, um membro do partido que trabalhava no departamento de ficção. Ela era contra alguns preceitos veiculados pelo partido, porém não acreditava em uma revolta contra o Ingsoc como Winston cogitava, mais agia como militante ativa a fim de disfarçar os desvios de conduta. Com ela, Winston alimentou um relacionamento amoroso, proibido aos olhos do partido visto que, não era permitido o relacionamento entre militantes, se não fosse com a simples finalidade de procriação. Júlia assume um papel de cidadã conformada com a doutrina partidária, apesar de não concordar com alguns preceitos, como podemos constatar no seguinte fragmento:

Aos seus olhos, a vida era muito simples. Queria divertir-se; ‘eles’, isto é, o Partido, não queriam deixá-la; por isso infringia a lei da melhor maneira possível. Parecia achar igualmente natural que ‘eles’ quisessem proibir os prazeres e que os cidadãos buscassem fugir da prisão. Odiava o Partido, e confesava-o em outras tantas palavras cruas, mas não criticava em geral. Exceto no que tangia à sua vida particular, não lhe interessava a doutrina partidária. [...] Nem nunca ouvira falar da Fraternidade, recusando-se a acreditar na sua existência. Considerava estúpida qualquer revolta organizada contra o Partido; fadada ao insucesso, dizia. (ORWELL, 1991, p.96)

Certo de que havia uma fraternidade, uma conspiração contra o partido, Winston afirma à O’Brien, membro da elite interna do partido, que faria qualquer coisa para desmascarar as mentiras disseminadas pelo estado. O’Brien lhe entrega um livro supostamente escrito por Goldstein, principal inimigo do partido e suposto formador da fraternidade, lê seu conteúdo e começa a entender o real significado dos lemas utilizados pelo partido na manipulação das massas: Liberdade é escravidão; Guerra é paz e Ignorância é força, os quais serão explicitados no próximo subitem.

Com o devido conhecimento acerca de toda a estrutura do partido e do sistema de manipulação por eles utilizado, além de alguns métodos de manutenção desse controle estatal, Winston percebe que a vida de todos é controlada de tal forma que o estado não se limita a ordenar o indivíduo fisicamente falando, mais sim procura controlá-lo mentalmente, para que este se torne inofensivo e conivente com as designações estabelecidas. Posteriormente Winston é descoberto e encaminhado para o Ministério do Amor. Lá ele é submetido a métodos de tortura que procuram fazer com que o indivíduo aceite os termos do partido de tal forma que, passem a acreditar verdadeiramente no que lhes é imposto e a aceitar.

Já sob efeito dos métodos iniciais de tortura O’Brien, o qual arquitetou todo o esquema de captura, explica a Winston que tudo a que foi submetido é para exclusiva finalidade de “curá-lo”. O processo utilizado deixou Winston tão confuso que no final acabou por aceitar as imposições do partido e a amar incondicionalmente o Grande Irmão, rendendo-se finalmente às vontades do partido e delineando a frustração de uma tentativa falha no combate do direito ao próprio individualismo, característica essa bastante recorrente aos respaldos totalitários.

[...] Levava quarenta anos para aprender que espécie de sorriso se ocultava sob o bigode negro, Oh mal-entendido cruel e desnecessário! Oh teimoso e voluntário exílio do peito amantíssimo! [...] Mas agora estava tudo em paz, tudo ótimo, acabada a luta. Finalmente lograva a vitória sobre si mesmo. Amava o Grande Irmão. (ORWELL, 1991, p. 217)

2.1.2 A distopia do controle sob o indivíduo

Como foi exposto anteriormente a distopia é caracterizada por uma distorção dos conceitos utópicos que idealizam uma sociedade igualitária (perfeita) e que delineiam uma nova vertente de pesquisa de cunho histórico, que analisa mais a fundo as dificuldades sociais e políticas vigentes na época até porque

A ciência no mundo moderno ajudou a desenvolver o gênero das distopias. Tal gênero foi claramente influenciado pelo contexto histórico vigente. Mesmo com os benefícios trazidos pela evolução tecnológica, o homem também expressava medo diante dos possíveis males encontrados nesse novo mundo. A negatividade, característica marcante das distopias em geral, funciona como uma forma de se expressar uma visão das assimetrias e desigualdades encontradas no mundo contemporâneo. (QUEIROGA; LIEBIG, 2008, p.312)

Como já supracitado, no século XX a sociedade passou por profundas transformações no que se refere aos regimes totalitários e George Orwell expôs suas ideias e receios na obra que se tornou um dos símbolos distópicos mais referenciados da época por demonstrar o pessimismo de cunho realista e psicológico que bate de frente com a Utopia estabelecida por Thomas More.

Segundo Berlin (1991), as distopias literárias serviram de argumentações contundentes contra a repressão estatal totalitária, soando como protestos em prol da conscientização acerca das posições utópicas concebidas pelo regime.

Daí o protesto – e as antiutopias – de Aldous Huxley, Orwell ou Zamiatin (na Rússia do início da década de 1920), que pintam um quadro horripilante de uma sociedade sem atritos em que as diferenças entre os seres humanos são, tanto quanto possível, eliminadas, ou pelo menos reduzidas, e o padrão multicolorido dos vários temperamentos, inclinações e ideais humanos – em suma, o próprio fluxo da vida – é brutalmente reduzido à uniformidade, aprisionado em uma camisa-de-força social e política que fere e estrofia, terminando por esmagar os homens em nome de uma teoria monística, do sonho de uma ordem perfeita e estática (BERLIN, 1991, p. 48-49).

As evidências distópicas encontradas em 1984 nos faz visualizar essa camisa de força social e política que desestabiliza a individualidade do cidadão em favor de um bem em comum disseminado pelo partido.

Dia a dia e quase minuto a minuto o passado era atualizado. Desta forma, era possível demonstrar com prova documental, a correção de todas as profecias do Partido; jamais continuava no arquivo uma notícia, artigo ou opinião que entrasse em conflito com as necessidades do momento. Toda a história era

um palimpsesto, raspado e reescrito tantas vezes quanto fosse necessário. (ORWELL,1991,p.41)

A figura onipresente do Grande Irmão é bastante recorrente em todo o percurso de Winston, na busca pela reflexão do sentido real da estrutura do partido. Ela representa o estado (Ingsoc), ou melhor, a sua personificação, a qual era representada com o intuito de controle ativo a população, visto que, era mais fácil representar o partido por meio de uma figura ativamente personificada do que uma elite, ou um grupo de pessoas. Tanto é que nem a existência dessa figura onipresente é constatada na obra literária, nem a do Goldstein – ex-membro do partido interno (elite) e atual opositor, atuando como o fundador da fraternidade, a qual odiada é por todos os militantes do partido.

[...] Nesse sentido, existe o Grande Irmão?

-Não tem importância. Existe.

- O Grande Irmão morrerá?

- Lógico que não. Como poderia morrer? Outra pergunta.

- Existe a fraternidade?

-Isso nunca saberás, Winston. Se resolvermos te pôr em liberdade quando acabarmos a tarefa, e mesmo que vivas até os noventa, nunca saberás se a resposta a essa pergunta é Sim ou Não. Enquanto viveres será um enigma insolúvel na tua cabeça. (ORWELL, 1991, p.190)

Durante a leitura da obra é perceptível um outro ponto que indica a dificuldade de Winston em expressar-se e o motivo é provocado pelo processo denominado novilíngua (supressão de termos linguísticos que reduzem várias palavras de mesmo sentido em uma só) criado pelo partido para a manutenção dos pensamentos de seus agentes, diminuindo a capacidade de pensamento e tornando as pessoas mais vulneráveis às suas vontades. Essa dificuldade de expressão esboça o ideário de um partido totalitário, que almeja a manutenção fácil e dinamizada da população que segundo Alcântara (2010) leva

Sob a ameaça de sanções terríveis, interiorizadas pela grande maioria, os cidadãos são levados a esquecer a “realidade” dos fatos e conformar-se com uma memória curta e direcionada, acabando assim por se autoconvencer de que a última “verdade” proclamada pelas autoridades é absolutamente idêntica à verdade oposta, declarada tacitamente nula. (p.24)

Diferentemente de cenários utópicos relatados por Thomas More que “descreve uma ilha distante e diferente do cenário inglês e europeu da época, cuja forma de governo fundamentava-se em leis justas e em instituições político-econômicas comprometidas com o bem-estar da coletividade” (QUEIROGA; LIEBIG, 2008, p.

300), os quais qualificam a obra como inspiradora de conceitos ideológicos de uma sociedade “perfeita”, a qual, na distopia literária essa visão por sua vez, é delineada acerca da opressão estabelecida entre o pensar e agir por si mesmo e o agir robotizado, em que obriga o indivíduo a aceitar as imposições do estado, mesmo que os próprios princípios sejam contra as razões prontamente articuladas pelo partido.

[...] A única coisa que importava era continuar vivo até passar o espasmo. Deixou de perceber se chorava ou não. A dor tornou a diminuir. Ele abriu os olhos. O'Brien puxara a alavanca.

-Quantos dedos, Winston?

-Quatro. Imagino que sejam quatro. Veria cinco, se pudesse. Estou tentando ver cinco.

-Que desejas? Convencer-me de que vês cinco, ou de fato vê-los?

-Vê-los de fato.

-Outra vez.

O ponteiro devia ter ido a oitenta [...]. A dor diminuiu de novo. Quando abriu os olhos foi verificar que ainda via o mesmo. Inúmeros dedos, como árvores movediças, corriam em todas as direções, cruzando e recruzando seu campo de visão. Tornou a fechar os olhos.

- Quantos dedos estou mostrando Winston?

-Não sei. Não sei. Me matas, se me deres dor outra vez. Cinco, quatro, seis ... sinceramente, não sei. (ORWELL, 1991, p.184)

O controle do indivíduo se dá pela constante ameaça do regime sob a população. As ações e os lemas utilizados pelo Ingsoc retratam a base concatenada de atitudes restritas que os indivíduos devem seguir em favor de um âmbito maior, o respeito ao grande irmão. Um dos lemas intitulados “guerra é paz”, se baseava em uma das formas que o partido se utilizava para impor o medo constante das guerras bélicas que poderiam destruir a civilização. Essa demonstração de um possível conflito armado contribuiu para a predominância do controle do poder dominante, produzindo uma massificação dos indivíduos que se estabilizam por meio de um processo contínuo de forças.

Com relação ao segundo lema: “Liberdade é escravidão”, podemos constatar que de acordo com as prescrições da obra George Orwell, Winston apesar de ser um indivíduo simples sem grandes envolvimento sociais, é caracterizado como um personagem que luta para manter a sua individualidade, em relação a oposição totalitária que reza em, representar um cidadão comum que é manipulável de acordo com as necessidades do partido. Winston apresenta-se como um indivíduo que se levanta contra a sociedade distópica, não aceitando as formas de controle social, mais como ele age sozinho contra o sistema, acaba por sofrer a opressão e aceitar o que lhe é exposto.

O terceiro e último lema que servia de suporte para o partido era “Ignorância é Força” baseava-se na propagação de um conformismo coletivo em todos os setores da sociedade Londrina na obra. A ignorância teria sentido de desconhecimento dos fatos reais e alienação das pessoas submetidas ao regime. O Ingsoc trabalhava a manipulação das mentes tanto dos membros do partido quanto dos proles no sentido de se evitar rebeliões, até porque todos “Não se revoltarão enquanto não se tornarem conscientes, e não se tornarão conscientes enquanto não se rebelarem” (ORWELL, 1991, p. 71)

Contudo, diante do exposto é perceptível que, tanto o autor quanto o protagonista passaram a mensagem ideológica dos movimentos totalitários unificadores, que nada mais resguardavam o receio de que o futuro pudesse se tornar uma projeção de horrores que levassem a população à destruição, seja física ou psicológica.

CONCLUSÃO

Diante das explanações ao longo de toda esta pesquisa, nos é perceptível à ligação intrínseca entre realidade e ficção, pondo Orwell como protagonista da realidade fictícia vivenciada por Winston na obra literária. O decurso do enredo é minuciosamente desenvolvido com o intuito direto de criticar os regimes totalitários e suas formas de opressão com intenção de manipular a sociedade de acordo com os seus pressupostos filosóficos de unificação estatal.

De acordo com Pavloski (2005):

[...] é preciso considerar que George Orwell estava não apenas decepcionado, mas também muito preocupado com os resultados atingidos pelos governos totalitários no século XX. O fascismo, o nazismo e o stalinismo surgiam ao mesmo tempo como fantasmas do passado e sombras que poderiam comprometer o futuro. Assim, o autor escreve sua obra como um alerta tanto para os seus contemporâneos quanto para as gerações futuras do perigo latente na ortodoxia política e na aceitação de um ideal de sociedade que oferece estabilidade em troca da liberdade individual. Nesse sentido, o romance de Orwell e o diário de Winston se equivalem no propósito de criar um registro histórico e estabelecer uma comunicação com leitores de épocas vindouras que, supostamente, não conheceriam de forma tão profunda a terrível ameaça do totalitarismo. (p. 270)

A representação da sociedade em 1984 é atribuída a um rígido controle da população, a qual é vulnerável às explorações decorrentes do partido, e na sua progressiva deteriorização da consciência argumentativa.

A revolução solitária investida por Winston se desenvolve aos poucos e vai ganhando força ao longo da narrativa, a qual esboça o desejo do personagem em rever a individualidade que foi suprida pelo estado. Com isso, George Orwell expõe através de Winston a tentativa frustrada de combater os movimentos totalitários, temendo pela constituição social do futuro, e indicando um alerta aos perigos provenientes desses movimentos como podemos observar em Pavloski (2005):

[...] evidenciamos que Orwell satiriza não apenas a perigosa supressão da liberdade individual presente nas utopias, mas também as características dos governos totalitários que, no conturbado período do pós-guerra quando a narrativa foi escrita, pareciam constituir a mais forte tendência de uma nova ordem mundial.

A estrutura interna descrita na obra era baseada em uma impetuosa escolha de temas as quais eram: Guerra é paz, liberdade é escravidão e ignorância é força e que regiam a estrutura da sociedade distópica descrita por Orwell. A sociedade vivia a margem das utopias promovidas pelo partido, sacrificando a individualidade pelo suposto bem em comum de todos. O pesadelo social atribuído no percurso da obra indica a luta fadada ao insucesso de Winston em não conseguir vencer os estereótipos sociais que manipulavam a população, acabando por aderi-los.

É importante salientar que, todos os elementos observáveis em 1984 não ficam restritos simplesmente aos regimes totalitários. Eles abrangem todos os tipos de governos ditatoriais e autocráticos que transitam pela sociedade como governo de opressão. O partido se utiliza da figura do Grande Irmão como forma de manipulação da sociedade, que sob constante ameaça de interseções terríveis promovidas pelo sistema, são levados a consentir e esquecer-se da realidade dos fatos expostos pelo poder ditatorial, levando-os a conformar-se com a “memória curta” facilmente encontrada no enredo da obra.

Contudo nos é perceptível que tanto Orwell quanto Winston partilhava das mesmas inconstâncias ideológicas, expressando a frustração mediante a estrutura dos regimes totalitários vigentes que, em suma, idealizavam uma sociedade igualitária. A submissão descrita por Orwell remonta a crítica ferrenha ao sistema expondo seus medos e angústias acerca do futuro e do total descrédito, ou falta de confiança na mudança real dos sistemas totalitários opressores, limitando os indivíduos a simples marionetes do estado.

Winston, imerso num sonho bem-aventurado, não reparou quando lhe encheram o copo. Já não corria nem dava vivas. Estava de volta ao Ministério do Amor, tudo perdoado, a alma branca de neve. Estava na tribuna dos réus, confessando tudo, implicando todos. Ia andando pelo corredor de ladrilhos brancos, com a impressão de andar ao sol, acompanhado por um guarda armado. Por fim penetrava-lhe o crânio a bala tão esperada (ORWELL, 1991, p. 284).

E é a partir do total descrédito investido por Orwell que nós visualizamos a frustração avassaladora de uma época em que a sociedade tentava se ajustar aos moldes dos regimes totalitários que, pregavam uma profunda mudança em prol da sociedade, mais que na prática aplicavam a perversão total dos preceitos sociais de igualdade,

afetando diretamente a consciência participativa de todos. E como Winston padeceu sob as imposições disseminadas pelo partido, Orwell abre uma linha de consciência que demonstra o processo evolutivo da sociedade e conseqüentemente o caminho em que a mesma pode chegar: ao fracasso.

ABSTRACT

After several analyzes regarding the representation of the dystopian genre in literary works , the present study employs the work of George Orwell's 1984 as an object of study in order to discuss the impact of totalitarian regimes in the formation of society and it's imminent impact on the representation dystopian literature . The characterization of the character, promoted by George Orwell demonstrates his longings by totalitarian regime, they proposed to establish an egalitarian society in the shadow of oppression. The deteriorating environment and characters representation, described in the work outline a devastating position of the principles of human individuality. At first, we will try to explain about the totalitarian regimes and their most recurrent features and soon after we will discuss the influence of these dictatorial systems in the plot of the novel. In this perspective, we have as a source of research support the work of Hannah Arendt (2000), Evanir Pavloski (2005), Figueiredo (2008), Pereira e Espada (1984) among others that have contributed in building the understanding of how the control mechanisms influenced the society in order to remove all types of psychological autonomy of man, reducing them to mere puppets of the totalitarian state.

KEYWORDS: Totalitarianism.Dystopia.Orwell.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, H. Origens do totalitarismo. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Ambivalência. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed.,1999.
- BERLIN, Isaiah. Limites da Utopia: Capítulos da História das Idéias. São Paulo: Companhia das Letras: 1991.
- BOBBIO,N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO,G. Dicionário de política. 11ª ed. Brasília, DF:UNB, 1988. V.1
- FIGUEIREDO, C. D. Livros, Indústria Cultural e Distopias. IN: II Encontro da ULEPICC – União latino Americana de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura. Bauru: SP,2008.
- LENHARO, Alcir. Nazismo “O triunfo da vontade”.6ª ed. a reimp. São Paulo. Editora Ática, 2003.
- LYRA, Pedro. Literatura e Ideologia. Rio de Janeiro: Editora Vozes LTDA, 1979.
- ORWELL, G. 1984. 22ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1991.
- PAVLOSKI, E. 1984 – A distopia do indivíduo sob controle. Curitiba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, 2005.
- PEREIRA, José Pacheco; ESPADA, João Carlos. 1984 A esquerda face ao totalitarismo.1ª ed. Portugal: Moraes Editores, 1984.
- QUEIROGA, Marcílio Garcia de; LIEBIG, Sueli Meira. Estudos literários em perspectiva. João Pessoa: Edições Fotograf, 2008.
- SILVA, Alexander Meireles da Silva. Literatura Inglesa para Brasileiros. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Ciência Moderna LTDA, 2005.
- SILVA, A. O. Os Dilemas do Intelectual Militante de Esquerda. Espaço Acadêmico. São Paulo, v.3, n. 26, Jul. 2003. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/026/26pol_orwell.htm. Acesso em: 25 de Janeiro de 2014.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. Teoria da Literatura. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 1990.
- Teixeira, M. S. Biorwellgrafia, uma biografia de George Orwell . Duplipensar.net. Disponível em: <http://www.duplipensar.net/george-orwell/george-orwell-biografia.html>. Acesso em: 19 de Janeiro de 2014.